

A PESQUISA EM ARTE E SOBRE ARTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR

SALOME, Josélia Schwanka – UNICAMP / UTP
salome_arte@hotmail.com

TORRES, Renato – UTP-PR
torresrenato@yahoo.com.br

Área Temática: Educação: Profissionalização Docente e Formação

Resumo

A trajetória da Arte-Educação no Brasil é feita de fatos concretos, objetivos, mas nem por isso deixou de correr alguns riscos junto às políticas públicas para a educação, como a quase extinção da área pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de número 9394, de 1996, a qual certamente abriria uma lacuna na educação escolar. Esse descrédito para com a área tem seus reflexos na formação dos professores e conseqüentemente, no ensino da arte, quando o modelo de licenciatura que se tem, leva a uma polivalência do profissional, largamente criticada, mas que continua sendo validada. Como resultado desta formação, temos um trabalho superficial envolvendo todas as linguagens, no qual a escola acredita que assim, a arte está sendo trabalhada. Nesse sentido, o presente trabalho visa discutir a necessidade de repensar o processo de formação do profissional que atua na área de arte, com o objetivo de perceber que a prática da pesquisa nesse processo, favorecerá a este professor, a possibilidade de estudar os conteúdos da área mais especificamente, tanto na perspectiva dos fundamentos teóricos da arte, quanto nos aspectos que envolvem a produção artística pessoal. Entendemos que, para ensinar arte é necessário conhecê-la nos seus aspectos de produção, fruição e fundamentação. Diante deste quadro, as práticas da pesquisa em arte e sobre arte, presentes no processo de formação dos professores, possibilitarão a compreensão desta linguagem como forma de expressão e de comunicação das idéias, ideais, sentimentos e pensamentos, construídos historicamente pelas sociedades.

Palavras-chave: Arte-Educação; Formação de Professores; Formação Continuada.

Introdução

O processo de formação do professor de arte tem seus reflexos na sua prática pedagógica, quando verificamos a contraposição presente no trabalho artístico na escola que passa ora pelo espontaneísmo, ora pela aplicação de técnicas artísticas desvinculadas de uma fundamentação teórica que sustente as discussões.

A arte, enquanto área do conhecimento sensível, não tem sido tratada como tal no campo da educação, no qual os reflexos das diversas concepções de arte que norteiam o seu

ensino no percurso histórico da educação no Brasil demonstram o descrédito para com esta área do conhecimento. Dentre as possibilidades de trabalho com arte na escola, temos aquela que busca pesquisar saberes próprios da área, sistematizados e elaborados dentro do processo de ensino e aprendizagem .

Salienta-se esta questão, pois é muito comum no ensino da Arte, a concepção de que esta deva ser expressa que a criatividade deve ser aflorada e o conhecimento deve ser construído a partir destas experiências com os alunos, sem a preocupação com o conhecimento sobre a linguagem da Arte.

Essa proposta de valorização do conhecimento sistematizado se estende ao ensino da arte, reforçada pela discussão da presença dos temas e das técnicas nas aulas, ainda neste início do século XXI. A escola continua, apesar dos avanços nas teorias, a trabalhar com uma metodologia ultrapassada, comprovando o desconhecimento dos fundamentos históricos, filosóficos e estéticos que norteiam a atual concepção de arte.

Ao se trabalhar nessa vertente, certamente a arte na escola poderá contribuir para a experiência estética, a produção e a vivência em arte, especialmente entre as pessoas cujo acesso ao âmbito artístico é restrito e cuja sensibilidade estética foi pouco ou nada desenvolvida.

Desenvolvimento

As mudanças no ensino da arte, apóiam-se em alguns marcos significativos no seu percurso histórico, quais sejam: a vinda da Missão Artística Francesa ao Brasil, consolidando o modelo de educação tradicional e o transplante cultural enraizado no nosso sistema educacional, a Semana de Arte Moderna de 1922, com a culminância dos movimentos modernistas e a adesão ao escolanovismo na educação e finalmente as Leis de número 5692 de 1971 que instituiu a Educação Artística como disciplina obrigatória no ensino de 1º e 2º graus, e a LDB nº 9394 de 1996 que altera a nomenclatura para Arte, numa tentativa de destituir a polivalência, em termos de objetivos proclamados e não necessariamente como objetivo real.

É um fato inegável que, para que a mudança seja efetivada, ela deve ser incorporada por todas as instâncias educacionais, pois de outra forma, mudam-se os projetos no nível das políticas públicas cujas propostas são planejadas em gabinetes apresentando os objetivos proclamados, mas na prática, enquanto objetivos reais, não são efetivados.

A respeito da implantação dessas e de outras políticas, Saviani (2003, p.120), acrescenta que:

[...] quando se quer mudar o ensino, guiando-se por uma outra teoria, não basta formular o projeto pedagógico e difundi-lo para o corpo docente, os alunos e, mesmo, para toda a comunidade, esperando que eles passem a se orientar por essa nova proposta. É preciso levar em conta a prática das escolas que, organizadas de acordo com a teoria anterior, operam como um determinante da própria consciência dos agentes, opondo, portanto, uma resistência material à tentativa de transformação alimentada por uma nova teoria.

No que se refere à arte e seu ensino, a Lei 5.691 de 1971, torna a Educação Artística obrigatória no currículo escolar de 1º e 2º graus. Essa obrigatoriedade está prevista pelo artigo 60º onde: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus” (NISKIER, 1996, p.82).

A arte é afirmada no currículo escolar como mera atividade destituindo-a de seu caráter de disciplina, o que fica claro na redação do Parecer nº 540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses.” (FUSARI, 1992, p.38).

Mas esta obrigatoriedade na lei não soluciona o problema relacionado ao acesso à arte. Aqui, abre-se o abismo que vai reforçar a distinção entre trabalho material e trabalho artístico, sendo este último tido como supérfluo diante da sociedade capitalista que não vê na arte a possibilidade de uma atividade com fins lucrativos.

A educação objetivava a homogeneização dos pensamentos, o cerceamento da opinião pessoal para que a elite dominante pudesse continuar com a hegemonia. As atividades desenvolvidas com arte na escola traduziam-se em técnicas de trabalhos artísticos sem fundamentação teórica que apresentasse a arte enquanto uma linguagem contextualizada historicamente.

Sem professores formados na área a providência a ser tomada foi a criação dos cursos de licenciatura curta em Educação Artística, institucionalizados pelo Governo em 1973. Essas graduações tinham o fim de preparar os professores reforçando a marcha que levou o ensino da arte a caminho da mediocridade, pois esses cursos formavam professores inócuos, num curso com duração de dois anos.

Esta formação trouxe a proposta da polivalência na formação do professor de arte, presente no período que compreende os anos 70 e 80. Após a sua formação superior, o professor se vê 'apto' a trabalhar as quatro linguagens artísticas: Artes Plásticas, Teatro, Dança e Música. Essa formação é de caráter superficial, pois o professor deve aprender e dominar todas as linguagens traz para a educação a idéia de que ao se trabalhar com técnicas isoladas, estar-se-iam trabalhando todas as áreas.

Com relação à Lei 5692 e a polivalência, advinda dessa formação acelerada e que persiste ainda hoje nos cursos de formação dos professores, Martins acrescenta que

A Lei, determinando que nesta disciplina fossem abordados conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas nos cursos de 1º e 2º graus, acabou criando a figura de um professor único que deveria dominar todas estas linguagens de forma competente. De fato, uma série de desvios vem comprometendo o ensino da arte. Ainda é muito comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas 'serias' [...] Memorizam-se algumas "musiquinhas" para fixar o conteúdo de ciências, faz-se "teatrinho" para entender os conteúdos de história e "desenhos" para aprender a contar. (MARTINS, 1998, p.12).

Na escola estão presentes as técnicas de trabalho artístico voltadas para o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade do aluno. Essas técnicas não prevêm um conteúdo teórico acerca da história da arte ou das produções artísticas dos diversos períodos, são atividades isoladas com o caráter de trabalhar o 'fazer expressivo', através de aulas com temas, ou simplesmente com o desenvolvimento de técnicas artísticas.

Nas aulas de arte, os professores enfatizam 'saber construir' reduzidos aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um 'saber exprimir-se' espontaneístico, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com o conhecimento de linguagens artísticas. (FUSARI, 1992, p. 32)

Diante desse quadro, os rumos que o ensino da arte toma após a implementação dos cursos de formação dos professores têm, nas associações dos Arte-Educadores os movimentos para tentar mudar os rumos da arte na escola. Alguns desses movimentos tiveram importância fundamental nas discussões sobre a polivalência e os conteúdos para a área, como o encontro de arte-educadores realizado na Universidade de São Paulo em 1983 e que contou com mais de dois mil professores de arte do país e que discutiu os aspectos políticos que tentavam imobilizar o ensino da arte nesse momento histórico. E assim, diversos outros

encontros que culminaram em documentos e resoluções propondo alterações significativas nos currículos das escolas.

Esses movimentos, entretanto esbarram no sistema político dominante neste período (1970-1980), que procurava veicular sentidos que nada tinham a ver com a realidade que se apresentava, buscando moldar um padrão para que os pensamentos e sentimentos deixassem de ser críticos e se tornassem consumistas. A televisão entrou como um veículo de difusão e de homogeneização cultural, impondo a forma de pensar e de sentir, levando o ensino da arte a um processo de tecnicização.

E o resultado desta polivalência ainda é visível no ensino da arte atualmente, com os professores trabalhando de forma superficial todas as linguagens acreditando estar trabalhando com todas as áreas e o trabalho escolar em arte produzido a partir desta metodologia fica voltado às técnicas de confecção de trabalhos, completamente desvinculados do saber artístico e desconhecendo o processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno em seus múltiplos aspectos.

O fim desta polivalência significaria uma maior qualidade de ensino ao favorecer ao professor uma possibilidade de estudar os conteúdos das áreas mais especificamente. Mas, a realidade é que poucas escolas se comprometem a ter em seu quadro de professores, profissionais que atuem nas quatro áreas especificamente (Artes Visuais, Dança, Música e Artes Cênicas), bem como estas escolas não dispõem de espaço físico adequado para a prática dentro das áreas, obrigando o professor a retomar a polivalência anteriormente citada.

Cabe ressaltar que a bibliografia para a área da arte na educação, no final do século XX e início do século XXI, traz a proposta da leitura da imagem nas aulas com o objetivo de desenvolver no aluno o conhecimento a respeito da linguagem da arte, nas formas de apreciação e produção artísticas e relação desta proposta com a perspectiva histórico-crítica de educação se dá no âmbito do trabalho com arte na escola.

É interessante notar que, as políticas públicas para a educação, promulgaram a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, número 9394 de 1996, no Artigo 35, no qual “O ensino da Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (SAVIANI, 1997, p. 85), dando à arte, no que concerne aos objetivos proclamados, o espaço até então reivindicado pelos arte-educadores, o que não significa que, enquanto objetivos reais essa lei tenha possibilitado a real apropriação do lugar da arte na escola.

Dentro destas falhas e brechas nos documentos das políticas públicas, o modelo de licenciatura que se têm, ainda prevê esta formação polivalente, que apesar de ser largamente criticada, continua sendo objeto de formação a nível superior, formando profissionais como o eram dentro da proposta de formação ditada pela Lei 5692/71, já citada anteriormente e que foi a responsável pela criação do componente curricular denominado: Educação Artística.

Para possibilitar que o professor adquira esta competência, faz-se necessário que os cursos de formação trabalhem na perspectiva de desenvolver no futuro professor a dimensão da pesquisa, levando-o a perceber a necessidade de valorizar a sua formação continuada.

Em se tratando de formação do professor de arte, cabe ressaltar a necessidade do trabalho tanto no que concerne a pesquisa em arte, quanto a pesquisa sobre arte.

A pesquisa em arte trata da reflexão sobre o fazer artístico por parte do seu produtor, “[...] aquela relacionada à criação das obras e compreende todos os elementos do fazer, a técnica, a elaboração de formas, a reflexão, ou seja, todos os componentes de um pensamento visual estruturado.”(CATTANI, 2002, p.38).

Cabe ressaltar que a produção artística não se dá como um processo isolado, mas faz parte de um todo no qual o apreciador tem um papel fundamental na relação entre o artista e a sua produção, quando diferentes sujeitos se apropriam do sentido da obra de arte.

Para Vazquez (1978, p.253)

Se aplicarmos isto à criação artística, resultará que o produto artístico somente realiza sua verdadeira essência quando é compartilhado por outros. O artista, evidentemente, se expressa se objetiva em sua obra, e com isto satisfaz uma necessidade própria concreta, mas seu modo de satisfazê-la exige, por sua vez, a satisfação da necessidade de outros. [...] Assim, pois, como todo produto, não é apenas ponto de chegada, mas também ponto de partida de um novo processo: não é meta definitiva, mas caminho que, ao ser percorrido, coloca em relação diversos sujeitos, épocas ou mundo humanos. E, por outro lado, é um caminho sempre aberto, que pode ser percorrido várias vezes, deixando viva e aberta a comunicação humana, ainda que se modifiquem os sujeitos individuais, as sociedades, as épocas, as idéias, ou os interesses humanos concretos.

Assim, o ato de fazer arte configura-se como uma pesquisa, pois envolve a necessidade de desenvolver o espírito investigativo e o pensamento reflexivo sobre o momento da instauração da obra e nesse sentido, é fundamental que o professor de arte reflita sobre estes aspectos, pois ele irá conectar a sua experiência pessoal enquanto produtor de arte, ao momento em que estiver ensinando arte aos seus alunos na escola.

Já a pesquisa sobre arte envolve o conhecimento dos fundamentos teóricos da área, bem como das outras áreas do saber que se articulam e contribuem para a discussão da arte.

Esse processo auxiliar o professor a construir um quadro de referências conceituais que alicerçarão a sua prática pedagógica.

Ao ensinar a arte, alicerçado nesta formação teórico-prática, o professor será um facilitador da aprendizagem do seu aluno apontando os caminhos para que o aluno possa perceber que é, por meio da arte, que o artista representa a sua visão de mundo com códigos e signos carregados de significados..

Para Peixoto (2003, p.52)

[...] toda grande obra – em especial de filósofos, escritores ou artistas – expressa, de modo relativamente coerente e adequado, uma visão de mundo. [...] A visão de mundo envolve, não apenas um momento presente ou passado: também pode expressar projeções do futuro, com base nas percepções e interpretações possibilitadas pelo movimento da história humana.

De fato, as imagens que nos são apresentadas na obra de arte ou nas imagens do cotidiano, trazem consigo o olhar de quem as produziu, assim como o modo de representação que muda de acordo com este olhar, onde o artista então seleciona o que quer registrar.

O artista, portanto, representa o seu modo de olhar para aquele objeto ou situação e o faz utilizando-se de cores e suportes diferenciados segundo o resultado que ele quer obter. Esses códigos, iminentes à linguagem da arte, articulados a pesquisas sobre a utilização de materiais e recursos diferenciados, conferem ao processo de elaboração do artista o caráter de objeto de arte fruto da criação.

Ao ler as imagens nas aulas de arte, os símbolos e signos utilizados pelo artista vão sendo decodificados para serem compreendidos. E esta leitura, feita à luz da história, vai revelar o conhecimento que o homem construiu naquele momento e possibilitar uma melhor compreensão da história da humanidade, além de oferecer subsídios para o processo de criação no aluno.

Enquanto uma linguagem, a arte propicia através da leitura das imagens, um diálogo entre as formas que ali estão e a nossa reflexão sobre elas, ou seja, ao observarmos atentamente o trabalho do artista, nos deparamos com questões como: o que ele queria representar? O que a imagem representa para nós. O que nos remete? Qual seria o momento

histórico em que esta obra foi feita? E assim vamos conversando com a obra e decodificando-a.

Aqui, a história da arte vai ser trabalhada na vertente da vinculação desta com a leitura de mundo do artista, contextualizando-o no tempo e lugar. A obra de arte estudada fora desse contexto compromete a sua compreensão, ficando a leitura no nível do senso comum, no embate e no debate das quão bonita e útil ela é remontando às concepções de arte enquanto beleza e mercadoria já discutidas anteriormente.

A utilização de imagens nas aulas de arte como uma possibilidade de ensino e de aprendizagem, necessita de uma fundamentação teórica consistente, onde o professor conheça a linguagem da arte tanto no seu aspecto teórico quanto no aspecto do processo de criação artística. Se o professor não experienciar a produção artística, as aulas de Arte certamente estarão comprometidas no que concerne à intervenção deste na ação de criar e produzir, pelo aluno.

Cabe salientar que, apesar das imagens fazerem parte do cotidiano do homem contemporâneo, são poucas as relações visuais estabelecidas entre ambos e menores ainda as relações significativas, o que implicaria num olhar mais reflexivo sobre o que nos cerca.

A publicidade, neste século XXI, tem na imagem uma presença obrigatória e que diz às pessoas o que devem fazer, o que devem valorizar, necessitar ou desejar. A leitura destas imagens seria um meio para a conscientização dessa tentativa de imposição de valores por parte das mídias.

Como afirma Buoro (2002, p.34) “É imperativo investir numa prática que transforme esses sujeitos em interlocutores competentes, envolvidos em intenso e consistente diálogo com o mundo, estimulados para isso por conexões e informações que circulam entre verbalidade e visualidade.”

No que diz respeito às obras de arte, é oportuno salientar que o processo da leitura e da apropriação do conteúdo da imagem se dará pela compreensão da obra na sua totalidade.

Silvio Zamboni (1998, p.54) reforça esta questão ao afirmar que “ [...] o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado.”

Nesta perspectiva, é essencial que o professor possuía uma fundamentação teórica na área da história da arte, e conseqüentemente em historia geral e das sociedades. De outra

maneira a contextualização, elemento fundamental para se desvelar o papel da Arte na sociedade estará comprometido.

Todos os caminhos percorridos pela verdadeira arte provêm da realidade social; todas as estradas percorridas pela justa eficácia exercida pela obra, por isso, devem reconduzir à realidade social. Portanto, é perfeitamente legítimo – mesmo do ponto de vista estético – considerar as maiores obras de arte como importantes pontos de orientação para indicar o desenvolvimento da vida social [...] Quanto mais significativas forem estas obras do ponto de vista artístico, tão mais claramente elas iluminarão os caminhos da evolução da humanidade. (LUKÁCS,1978, p.246)

Essa historicização da arte vai revelar o percurso de criação do artista e suscitar análises e processos nos alunos durante as discussões nas aulas de arte.

Quanto às implicações pedagógicas dentro de uma proposta histórico-crítica de educação, a arte deve, portanto, ‘ser ensinada’ pois possui saberes próprios, sistematizados e elaborados, onde o professor é o condutor deste processo.

Salienta-se esta questão, pois é muito comum no ensino da Arte, a concepção de que esta deva ser expressa que a criatividade deve ser aflorada e o conhecimento deve ser construído a partir destas experiências com os alunos. Ora, se o aluno não detém o conhecimento mínimo sobre a linguagem da Arte, como poderá criar e produzir formas sem a compreensão destes códigos?

É importante rever a questão de a escola possibilitar “às novas gerações incorporarem os elementos herdados de modo que se tornem agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações sociais”. (SAVIANI, 2003, p.143)

Essa proposta de valorização do conhecimento sistematizado se estende ao ensino da arte, reforçada pela discussão da presença dos temas e das técnicas nas aulas, ainda neste início do século XXI. A escola continua, apesar dos avanços nas teorias, a trabalhar com uma metodologia ultrapassada, comprovando o desconhecimento dos fundamentos históricos, filosóficos e estéticos que norteiam a atual concepção de arte.

Ao se trabalhar nessa vertente, certamente a arte na escola poderá contribuir para a experiência estética, a produção e a vivência em arte, especialmente entre as pessoas cujo acesso ao âmbito artístico é restrito e cuja sensibilidade estética foi pouco ou nada desenvolvida.

Fica evidente aqui, a necessidade do professor ser um pesquisador em arte e sobre arte, para que possa efetivamente ensinar Arte na escola.

São trabalhadas a partir da apropriação dos elementos da linguagem artísticas já existentes, bem como das técnicas implícitas no trabalho de estruturação artística, aonde o aluno vai desconstruir a produção existente, através da leitura e da discussão, relacionando-a ao seu universo pessoal e cotidiano para posteriormente reconstruir este trabalho, buscando soluções a partir do conhecimento artístico já sistematizado historicamente.

No caso do ensino da arte, a finalidade está na interação entre o conhecimento artístico e os sentidos estéticos que irão possibilitar a construção de uma educação em arte, onde apenas um saber consciente torna possível a apropriação do conhecimento e a aprendizagem dos sentidos.

Importante ressaltar que o trabalho com a aprendizagem dos sentidos, que envolve o trabalho com o sensível vai implicar numa tomada de consciência por parte dos professores, alunos e todos os integrantes do processo educacional, no sentido de perceberem o engodo em que caiu a sociedade ao não diferenciar arte do comércio das quinquilharias.

E a esse respeito, Duarte Jr (2000, p.152), aponta que

Em suma, o que se procura apontar aqui, com relação ao saber sensível, é que sua desvalorização ao longo dos tempos modernos sofreu um vigoroso incremento em nossa contemporaneidade, e do modo mais paradoxal. Isto é; na medida em que a sociedade industrial sistematizou e ampliou esse seu ramo de negócios conhecido como “indústria cultural”, visando a produzir e vender quinquilharias pretensamente estéticas, e os próprios artistas se deixaram iludir pelas promessas da razão instrumental e de sua filha direta, a tecnologia, destituindo a própria arte de seu aspecto sensível,[...] a educação da sensibilidade humana passou sistematicamente a perder espaço no cotidiano das pessoas. Ao pretender (falsamente) “estetizar” a realidade urbana, a indústria cultural e os artistas que se colocaram a seu serviço rebaixaram o nível de qualidade de seus produtos oferecidos ao público como obras de arte e passaram a difundir a versão de que tido em nosso entorno possui uma dimensão intrinsecamente estética, de talheres a aeroportos, de canetas descartáveis a *shoppings centers*[...]

Esse domínio de produtos que embaçam o olhar deve servir de ponto de partida para uma práxis superadora que busque novas percepções e novos olhares sobre o mundo e a vida.

Se a função da escola é trabalhar com os conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade, esta transformação nas consciências se dará pelo trabalho com os conteúdos significativos, que na Arte tem a ver com a contextualização histórica do artista e da sua produção, seguida pela reelaboração pelo aluno a partir da sua prática social.

Isso de nada vai colaborar para a transformação da sociedade se não houver a socialização do saber, de forma que, o acesso à arte seja possibilitado a todos. A partir da

apropriação deste conhecimento, o homem poderá atuar na sociedade enquanto sujeito histórico, sendo protagonista da sua história.

E a possibilidade de democratização do acesso à linguagem da Arte, dentro e fora dos muros da escola, vai possibilitar ao homem desenvolver a sua percepção visual do mundo, criando uma consciência crítica sobre a sociedade onde ele vive.¹ É através da capacidade de desenvolver o pensamento divergente e analógico, que se vai possibilitar a análise crítica da situação social, promovendo uma mudança nas formas de ver e pensar estas relações e onde “[...] o processo de transformação que se dá pela educação refere-se não ao processo de transformação ao nível das condições materiais da estrutura social em que vivemos, mas ao nível da transformação da consciência” (OLIVEIRA, 1994, p.118).

Pensar numa educação que esteja acessível a todos, de forma indiscriminada, é pensar nessa transformação das consciências, onde a Arte é um dos meios pelo qual o homem expressa o seu momento histórico, com características próprias, enquanto leitor e intérprete do mundo.

Considerações Finais

A proposta deste trabalho permeia a necessidade do professor de arte manter continuamente uma atitude de pesquisador tanto na relação com a arte, quanto nas questões que envolvem a sua prática pedagógica.

Assumindo que a arte deve ser ensinada na escola, é através da prática da pesquisa que o professor vai encontrar condições de desenvolver os saberes necessários e significativos acerca do fazer e pensar artísticos e estéticos, bem como o contexto histórico dos mesmos, o que possibilitará uma melhor leitura do mundo por meio da consciência histórica e da reflexão sobre os momentos, as idéias, as produções do homem.

REFERÊNCIAS

BUORO, Anamelia. . **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte.** São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2002.

CATTANI, Icleia Borsa. Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DUARTE JR., João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar, 2000.

FUSARI, Maria de Resende, FERRAZ, Maria Heloísa. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Mirian Celeste. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

NISKIER, Arnaldo. **LDB: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica.** Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

OLIVEIRA, Beth de . Fundamentação marxista do pensamento de Dermeval Saviani. In: SEVERINO, Antonio Joaquim. **Dermeval Saviani e a educação brasileira ; o simpósio de Marília.** São Paulo: Cortez, 1994.

PEIXOTO, Maria. Ines. Hanneman. **Arte e grande público: a distância a ser extinta.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações.** 8^a. ed.. revisada e ampliada – Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

VAZQUEZ, Adolf. Sanches. **As idéias estéticas de Marx.;** trad. Carlos Nelson Coutinho. 2^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: SP: Autores Associados, 1998.